

A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: UMA ABORDAGEM NO ENSINO MÉDIO

Dinalva de Sousa Marinho Moreira¹

Graciene Verdécio de Gusmão²

Maria Elza Ferreira Da Luz Ribeiro³

RESUMO: A variação linguística reflete a diversidade cultural e social de uma sociedade e, no contexto escolar, desempenha papel essencial na valorização das identidades dos estudantes e no combate ao preconceito linguístico. Este artigo analisa a relevância do ensino da variação linguística no Ensino Médio. A pesquisa, de abordagem qualitativa e documental, fundamenta-se em autores como Bagno, Bortoni-Ricardo e Faraco, além das diretrizes da BNCC. Os resultados evidenciam que reconhecer e valorizar as variedades linguísticas favorece o desenvolvimento da competência comunicativa e o respeito à diversidade. Espera-se que este estudo contribua para a reflexão sobre práticas pedagógicas mais inclusivas, apoiando educadores na implementação de ações coerentes com a BNCC.

Palavras-chave: Variação linguística. Ensino Médio. BNCC. Preconceito linguístico.

VARIACIÓN LINGÜÍSTICA EN EL NÚCLEO CURRICULAR COMÚN NACIONAL: UN ENFOQUE EN LA EDUCACIÓN SECUNDARIA

RESUMEN: La variación lingüística refleja la diversidad cultural y social de una sociedad y, en el contexto escolar, desempeña un papel esencial en la valoración de la identidad estudiantil y la lucha contra los prejuicios lingüísticos. Este artículo analiza la relevancia de la enseñanza de la variación lingüística en la educación secundaria. La investigación, con un enfoque cualitativo y documental, se basa en autores como Bagno, Bortoni-Ricardo y Faraco, así como en las directrices de la BNCC (Base Curricular Nacional Brasileña). Los resultados muestran que reconocer y valorar las variedades lingüísticas favorece el desarrollo de la competencia comunicativa y el respeto por la diversidad. Se espera que este estudio contribuya a la reflexión sobre prácticas pedagógicas más inclusivas, apoyando a los educadores en la implementación de acciones coherentes con la BNCC.

Palabras clave: Variación lingüística. Escuela secundaria. BNCC. Prejuicio lingüístico.

Introdução

¹ Acadêmica do curso de Letras (Português/Espanhol) da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT e Universidade Aberta do Brasil - UAB, na Modalidade Educação a Distância – EAD. E-mail: dinalva.moreira@unemat.br

² Mestra em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2015). Professora no curso de Letras (Português/Espanhol) da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT e Universidade Aberta do Brasil - UAB, na Modalidade Educação a Distância – EAD. E-mail: graciene.gusmao@unemat.br

³ Acadêmica do curso de Letras (Português/Espanhol) na da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT e Universidade Aberta do Brasil - UAB, na Modalidade Educação a Distância – EAD. E-mail: maria.elza@unemat.br

A variação linguística é um fenômeno natural das línguas e reflete a pluralidade cultural, histórica e social de seus falantes. No Brasil, essa diversidade é marcante devido à extensão territorial e à diversidade dos contextos sociais. No entanto, na prática escolar, muitas vezes prevalece uma visão normativa, desconsiderando as variedades linguísticas como formas de expressão.

Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) reconhece a importância de trabalhar a variação linguística no Ensino Médio, ressaltando-a como uma competência essencial para o desenvolvimento de uma visão crítica e inclusiva da língua portuguesa. Apesar disso, muitos professores enfrentam desafios ao integrar essa temática em suas práticas pedagógicas, devido a lacunas na formação inicial e à ausência de materiais didáticos apropriados.

A relevância desta pesquisa reside no fato de que a abordagem da variação linguística em sala de aula não é apenas uma questão acadêmica, mas também uma ação estratégica para combater o preconceito linguístico, um problema estrutural na sociedade brasileira. A desvalorização de certas variedades linguísticas é frequentemente usada como ferramenta de exclusão social, reforçando desigualdades e preconceitos. Assim, o ensino da variação linguística pode contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes, respeitosos e preparados para atuar em uma sociedade multicultural e diversa.

A partir disso, a motivação para esta pesquisa surge da necessidade de entender como a BNCC orienta o ensino da variação linguística e como essas diretrizes podem ser transformadas em práticas pedagógicas concretas. Além disso, é fundamental compreender os desafios enfrentados pelos professores e propor estratégias que possam auxiliá-los na superação dessas barreiras, garantindo uma abordagem mais inclusiva e significativa para os estudantes.

Parte-se da seguinte problemática: como a variação linguística é abordada na BNCC para o Ensino Médio e quais estratégias pedagógicas podem ser desenvolvidas para garantir seu ensino eficaz? Considera-se a hipótese de que, embora a BNCC apresente diretrizes relevantes, sua implementação enfrenta obstáculos práticos, especialmente relacionados à formação docente e à adequação dos materiais didáticos.

Portanto, o problema de pesquisa a ser investigado neste projeto é: como a variação linguística é abordada na BNCC para o Ensino Médio, e quais estratégias pedagógicas podem ser desenvolvidas para garantir seu ensino eficaz? Parte-se da hipótese de que, embora a BNCC ofereça diretrizes relevantes, sua implementação enfrenta dificuldades práticas devido a lacunas na formação docente e à falta de materiais didáticos adaptados à realidade das escolas.

Considerando a riqueza cultural e linguística do Brasil, pode-se destacar, por exemplo, o linguajar mato-grossense, que apresenta expressões e construções próprias da região, marcadas por traços históricos, culturais e sociais. Incorporar essas particularidades ao ensino é uma forma de valorizar as identidades locais e promover o respeito à diversidade linguística presente no cotidiano dos estudantes. Termos como *arredar*, *mear*, *donde*, entre outros, fazem parte do cotidiano de muitos falantes locais e representam uma herança linguística significativa. Incorporar essas particularidades ao ensino é uma forma de valorizar as identidades locais e promover o respeito à diversidade linguística presente no cotidiano dos estudantes. Além disso, ao reconhecer a legitimidade dessas formas de falar, a escola contribui para o fortalecimento da autoestima dos alunos e para a construção de uma educação mais inclusiva e contextualizada, em conformidade com as diretrizes da BNCC, que orienta o combate ao preconceito linguístico e a valorização da pluralidade cultural brasileira.

Dessa maneira, este trabalho tem por objetivo geral: analisar como a BNCC aborda a questão da variação linguística no Ensino Médio e propor práticas pedagógicas que possibilitem aos estudantes refletir sobre a diversidade linguística como um elemento de riqueza cultural e social. Os objetivos específicos são: Investigar, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, os principais desafios apontados na literatura e em documentos oficiais enfrentados pelos professores do Ensino Médio no trabalho com a variação linguística em sala de aula. Desenvolver propostas pedagógicas que valorizem a diversidade linguística e promovam o respeito às identidades culturais e sociais dos alunos. Avaliar o impacto do ensino da variação linguística na construção da identidade linguística dos alunos.

Considerando esse contexto, este estudo tem como propósito contribuir para a formação de professores e para a construção de práticas pedagógicas que estejam em consonância com as diretrizes da BNCC. Busca-se, assim, reforçar a importância da variação linguística como instrumento de valorização cultural e de enfrentamento ao preconceito linguístico. Acredita-se que, ao promover uma abordagem mais inclusiva, a escola possa consolidar-se como um espaço de respeito à diversidade e de efetiva promoção da equidade.

Referencial teórico ou Fundamentação Teórica

A variação linguística é um fenômeno inerente a todas as línguas vivas, refletindo a diversidade cultural, histórica, geográfica e social de seus falantes. No contexto brasileiro, essa diversidade é particularmente rica, marcada por um vasto território e por intensas trocas socioculturais. Compreender essa pluralidade é fundamental para a construção de uma educação

linguística, crítica, inclusiva e cidadã. Assim, o ensino da Língua Portuguesa deve considerar as múltiplas formas de expressão que coexistem em diferentes regiões e contextos sociais, superando a visão normativista que historicamente tem predominado nas salas de aula.

Autores como Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004) e Faraco (2008; 2015) destacam que o ensino da língua precisa ir além da prescrição da norma-padrão, valorizando também as variantes linguísticas presentes no cotidiano dos estudantes. Essa perspectiva está em consonância com os princípios da Sociolinguística, que compreende a língua como um fenômeno heterogêneo, dinâmico e socialmente condicionado.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento norteador da educação básica no Brasil, reconhece a variação linguística como um eixo estruturante para o ensino da Língua Portuguesa. A BNCC propõe que os estudantes desenvolvam a competência de refletir criticamente sobre a diversidade linguística, identificando seus usos em diferentes contextos e compreendendo o valor social das variedades estigmatizadas e prestigiadas. Além disso, o documento ressalta a importância de se combater o preconceito linguístico, incentivando práticas pedagógicas que promovam o respeito às diferentes formas de falar e escrever.

Para que essas orientações se concretizem em sala de aula, é necessário considerar os desafios enfrentados pelos docentes, como a formação inicial deficitária, a escassez de materiais didáticos que contemplem a diversidade linguística e a resistência de setores da comunidade escolar à valorização de variedades não padrão. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica e documental busca compreender como a variação linguística é tratada na literatura acadêmica e nos documentos normativos, como a BNCC e os Parâmetros Curriculares Nacionais, além de propor caminhos pedagógicos viáveis para o trabalho com essa temática.

Portanto, a fundamentação teórica deste trabalho sustenta-se na perspectiva sociolinguística crítica, considerando que a escola tem um papel essencial na construção de uma consciência linguística plural e no enfrentamento do preconceito linguístico. Com base nos estudos de autores que refletem sobre o ensino da língua em contextos diversos, espera-se contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, que valorizem a identidade linguística dos estudantes e promovam uma educação mais equitativa.

Variação Linguística

A variação linguística é uma expressão que se refere a diversas maneiras de falar uma mesma língua, caracterizada pelas diferenças no modo como os falantes se expressam. Essas variações ocorrem devido a fatores geográficos, históricos, sociais, culturais e situacionais,

refletindo a diversidade dos contextos em que a língua é utilizada. As línguas não são homogêneas e são dinâmicas e mutáveis, adaptando-se às necessidades comunicativas de seus falantes. A variação linguística engloba diferenças na pronúncia, no vocabulário, na gramática e no uso de expressões.

Nesse sentido, Costa (1996) ressalta que:

A língua não é, como muitos acreditam, uma entidade imutável, homogênea, que paira por sobre os falantes. Pelo contrário, todas as línguas vivas mudam no decorrer do tempo e o processo por se nunca para, ou seja, a mudança linguística é universal, contínua, gradual e dinâmica, embora presente considerável regularidade (Costa, 1996, p. 51).

A língua, portanto, não é estática. Ao contrário, modifica-se conforme o tempo e o espaço, adaptando-se às necessidades comunicativas de cada grupo social. No entanto, no ambiente escolar, ainda persiste uma concepção normativa que valoriza exclusivamente a norma-padrão em detrimento das demais variedades linguísticas. Essa postura contribui para o reforço do preconceito linguístico, que é, como destaca Bagno (2007), sustentado por uma crença equivocada: A ideia de que existe uma única forma correta de falar e escrever o português aquela ensinada pela escola, registrada nas gramáticas normativas e nos dicionários sustenta um preconceito linguístico que desvaloriza as falas regionais e populares.

Assim, é fundamental que a escola reconheça e valorize a pluralidade linguística existente entre os estudantes, tratando todas as formas de falar como legítimas. A exclusão das variedades populares ou regionais da sala de aula contribui para o silenciamento simbólico de identidades culturais. Conforme Karim (2021): O ensino da Língua Portuguesa pautado apenas pela norma culta desconsidera a complexidade da língua e reforça o silenciamento das identidades linguísticas de grande parte dos estudantes, sobretudo os das camadas populares.

Dessa maneira, compreender a variação linguística não é apenas um exercício linguístico, mas também uma atitude ética e pedagógica. Inserir essa perspectiva no currículo escolar contribui para a formação de cidadãos críticos, conscientes de seus direitos linguísticos e respeitosos diante da diversidade cultural e social presente em sua realidade.

A Variação Linguística na Base Nacional Comum Curricular

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que estabelece os direitos e objetivos de aprendizagem para a educação básica no Brasil. Em sua abordagem para o ensino de Língua Portuguesa, a BNCC reconhece a variação linguística como um aspecto central,

enfatizando a importância de trabalhar a diversidade linguística como parte do desenvolvimento das competências comunicativas e críticas dos estudantes.

Conforme a BNCC, o ensino da variação linguística no Ensino Médio deve ir além da descrição das diferenças regionais ou sociais. A proposta é que os estudantes compreendam a língua como um fenômeno social, histórico e cultural, no qual as variações refletem as múltiplas identidades e contextos dos falantes. A ênfase recai sobre a promoção de uma visão inclusiva da língua, que reconheça e valorize as diferentes formas de expressão linguística, ao mesmo tempo em que se combate o preconceito linguístico⁴.

Além disso, a BNCC também destaca que a norma-padrão tem um papel importante na comunicação formal e nas situações que exigem maior adequação linguística. No entanto, o documento enfatiza que o ensino da norma-padrão deve ocorrer em diálogo com outras variedades da língua, para que os estudantes possam compreender sua função social sem desvalorizar as formas de falar presentes em suas comunidades. Esse equilíbrio busca formar cidadãos capazes de transitar entre diferentes registros e contextos comunicativos.

Linguística no Ensino Médio

A Linguística é a ciência que estuda a linguagem humana em diferentes aspectos e tem um papel importante na educação dos alunos do Ensino Médio. Ela ajuda a entender a língua como algo que faz parte da sociedade, da história e da cultura, indo além do foco nas regras gramaticais comuns no ensino básico. No Ensino Médio, o estudo da Linguística contribui não apenas para o aprimoramento da comunicação, mas também para o desenvolvimento do respeito às diferentes formas de falar e para o combate ao preconceito linguístico, é fundamental que a escola proporcione aos estudantes oportunidades que favoreçam o reconhecimento e a valorização dessa diversidade, promovendo o desenvolvimento pleno de suas potencialidades.

Cagliari (1990) ressalta que:

A língua é falada por pessoas e as pessoas usam e abusam da língua, inclusive para justificar seus preconceitos. Portanto, a escola tem que fazer do ensino de português uma forma de o aluno compreender melhor a sociedade em que

⁴ BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2018. p. 81. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

vivemos, o que ela espera de cada um linguisticamente e o que podemos fazer usando essa ou aquela variedade do português. (Cagliari, 1990, p.48).

Dessa forma, o autor mencionado defende um ensino que vá além do foco exclusivo na norma culta. Nesse sentido, é importante ressaltar que essa abordagem busca uma compreensão mais ampla da Língua, levando em conta as características que a tornam única. Isso inclui tanto as variações linguísticas quanto a norma culta, permitindo que o aluno entenda melhor a sociedade em que vive e reconheça que todas as variantes possuem sua importância.

Nesse aspecto, Bagno (2002) afirma que:

Parece ser mais interessante (por ser mais democrático) estimular, nas aulas de Língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades sociolinguísticas, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local de espaço exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos. (Bagno, 2002, p. 32).

Nesse sentido, Bagno (2002) enfatiza que as aulas de Língua Portuguesa devem ser dinâmicas e incluir, de maneira equilibrada, o estudo das variedades sociolinguísticas. Ao mesmo tempo, destaca a importância de não se afastar do objetivo de ensinar as normas cultas, fundamentais para que os alunos compreendam e utilizem essa variedade em situações comunicativas que a sociedade exige.

Tipos de variação linguística

A língua não é estática ou igual para todos; ela muda de acordo com fatores sociais, geográficos, contextuais e históricos. Essas mudanças representam a riqueza cultural e a diversidade de uma comunidade linguística. Entre os principais tipos de variação estão a variação diastrática, diatópica, diafásica e diacrônica.

A variação diastrática está relacionada às diferenças na forma de falar ou escrever, influenciadas por fatores como classe social, idade, escolaridade, profissão ou grupo social. Ela reflete as maneiras específicas de expressão adotadas por diferentes grupos dentro da sociedade.

A variação diatópica diz respeito às diferenças linguísticas ligadas às regiões geográficas, sendo perceptível nos sotaques, nos dialetos e nas palavras características de cada local. Já a variação diafásica ocorre em função do contexto ou da situação em que a comunicação acontece. As pessoas adaptam sua linguagem ao nível de formalidade necessário, ao objetivo da conversa ou ao público com quem estão falando.

A variação diacrônica refere-se às mudanças que a língua sofre ao longo do tempo. Esse tipo de variação evidencia como palavras, expressões e estruturas gramaticais se transformam de acordo com fatores históricos, culturais e sociais. Compreender essas variações é fundamental para respeitar a diversidade linguística e combater o preconceito linguístico.

Compreender essas variações é fundamental para respeitar a diversidade linguística e combater o preconceito linguístico, como orienta a própria Base Nacional Comum Curricular. Segundo a BNCC:

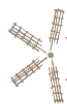
Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (Brasil, 2018, p. 81).

No estado de Mato Grosso, essa diversidade se manifesta de maneira ainda mais evidente. O território mato-grossense é marcado por diferentes tipos de variação linguística, influenciados por fatores históricos, sociais, migratórios, étnicos e culturais. Essa multiplicidade linguística reflete a presença de comunidades tradicionais, indígenas, urbanas e migrantes, o que torna ainda mais imprescindível o reconhecimento e a valorização das particularidades locais no contexto educacional. Assim, alinhar o ensino da língua às diretrizes da BNCC significa também legitimar os modos de falar regionais e promover uma escola mais inclusiva.

Abaixo, destacam-se os principais tipos de variação linguística observados em Mato Grosso:

Tabela 1 – Principais variações linguísticas observadas em Mato Grosso

Tipo de Variação	Características	Exemplos	Termos Típicos
Diastrática (Social)	Relacionada à classe social, nível de escolarização ou grupo profissional.	Diferença no uso da norma-padrão por falantes com maior escolaridade e formas populares entre pessoas de comunidades rurais ou indígenas.	<i>rango</i> (comida), <i>vêi</i> (forma reduzida de “velho”), <i>patroa</i> (esposa ou chefe), <i>fexado</i> (forma oral popular de “fechado”).
Diatópica (Geográfica)	Variantes regionais ligadas ao espaço	Diferença entre o falar cuiabano (mais conservador) e o das	<i>arredar</i> (afastar), <i>meiar</i> (dividir), <i>donde</i> (forma regional de “de



	geográfico.	regiões norte e nordeste do estado (influência de migrantes).	onde”).
Diafásica (Situacional)	Varia conforme a situação comunicativa ou o grau de formalidade.	Uma mesma pessoa usa linguagem formal no trabalho e informal com amigos.	<i>tá</i> (redução de “está”), <i>grato</i> (uso formal para “obrigado”), <i>mano</i> (amigo), <i>cumprimentos</i> (fecho formal).
Diacrônica (Histórica)	Refere-se às mudanças da língua ao longo do tempo.	Palavras antigas ainda usadas por pessoas mais velhas.	<i>alvorço</i> (tumulto), <i>morada</i> (residência), <i>vancê</i> (forma antiga de “você”), <i>carroça</i> (transporte rural).
Étnica e Cultural	Originada do contato entre diferentes grupos étnicos e culturais.	Influência de línguas indígenas (Xavante, Bororo, Kayabi) e migração de outras regiões do Brasil.	<i>wapté</i> (ritual Xavante), <i>aruwat</i> (fogo – Bororo), <i>quinhapira</i> (prato indígena), <i>capiau</i> (homem do campo).

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025.

O papel da escola no ensino da variação linguística no Ensino Médio

O Ensino Médio é a última etapa da Educação Básica e desempenha um papel fundamental na formação dos jovens, preparando-os para enfrentar os desafios da vida em sociedade, do mundo do trabalho e do ensino superior. Nesse contexto, o ensino da variação linguística adquire uma dimensão crucial, não apenas para ampliar a competência comunicativa dos estudantes, mas também para promover a valorização da diversidade cultural, histórica e social que existe no Brasil. Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, os PCNEM (1998), ressaltam que:

A aula deve ser o espaço privilegiado de desenvolvimento de capacidade intelectual e linguística dos alunos, oferecendo-lhes condições de desenvolvimento de sua competência discursiva. Isso significa aprender a manipular textos escritos variados e adequar o registro oral às situações interlocutivas, o que, em certas circunstâncias, implica usar padrões mais próximos da escrita. PCNEM (BRASIL, 1998, p. 30).

A escola, como espaço de construção do conhecimento e formação cidadã, tem a responsabilidade de desconstruir preconceitos linguísticos que ainda existem na sociedade.

Esses preconceitos, muitas vezes, se manifestam na estigmatização de determinados modos de falar, especialmente aqueles associados a comunidades menos favorecidas ou a regiões específicas do país. Ao abordar a variação linguística de forma crítica e reflexiva, a escola pode contribuir para a formação de estudantes mais conscientes e respeitosos em relação às diferenças linguísticas e culturais.

Nesse sentido, a BNCC (Brasil, 2018) destaca que:

[...] para atender às necessidades de formação geral indispensáveis ao exercício da cidadania e responder à diversidade de expectativas dos jovens quanto à sua formação, torna-se imprescindível reinterpretar, à luz das diversas realidades do Brasil, as finalidades do Ensino Médio estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, Art. 35): I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; IV – a compreensão dos fundamentos científico- -tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. BNCC (BRASIL, 2018, p. 464)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) orienta que o Ensino Médio desenvolva competências voltadas para o reconhecimento e o respeito à diversidade linguística. Isso implica ensinar aos estudantes que todas as variedades linguísticas são legítimas e que a norma-padrão, embora importante em contextos formais, não deve ser vista como a única forma "correta" de expressão. Esse ensino ajuda a preparar os jovens para transitar entre diferentes registros e situações comunicativas, equipando-os para lidar com os desafios do mundo globalizado e diversos em que vivem.

O preconceito linguístico e suas consequências

O preconceito linguístico é uma forma de discriminação que ocorre quando se julga ou desvaloriza o modo de falar de uma pessoa com base em sua classe social, região, etnia ou outros fatores. Essa atitude incide, com frequência, sobre aqueles que utilizam formas de linguagem consideradas "não padrão", como dialetos regionais, gírias ou variantes coloquiais. Muitas vezes, o preconceito está ligado à ideia equivocada de que apenas a norma culta é correta, desconsiderando outras formas legítimas de expressão.

No estado de Mato Grosso, por exemplo, constata-se uma rica diversidade linguística. Silva (2020) observa que o território mato-grossense abriga um “Estado com diversos falares”,

onde diferentes comunidades produzem variedades geográficas e socialmente distintas do português, resultado do contato entre falantes locais, migrantes e grupos indígenas. Além disso, no dialeto cuiabano, há marcantes traços fonéticos regionais, como a alternância entre certos sons da fala, que incluem traços regionais típicos e marcas de pronúncia histórica da formação da língua no Brasil. Essas características, que variam de cidade em cidade e de comunidade em comunidade dentro de Mato Grosso, ainda que carreguem valor simbólico, costumam ser alvo de preconceito. Por isso, é essencial que a escola reconheça e valorize tais variações em sala de aula, promovendo práticas pedagógicas que afirmem a identidade linguística dos estudantes e contribuam para combater o preconceito.

Bagno (2007), fala da existência do preconceito linguístico:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática- dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (Bagno, 2007, p. 35)

As consequências do preconceito linguístico são profundas e afetam tanto os indivíduos quanto a sociedade como um todo. Para os falantes das variedades “não padrão”, o preconceito pode gerar um sentimento de inferioridade, prejudicando a autoestima e, muitas vezes, o desempenho acadêmico e profissional. Esse estigma linguístico pode levar à exclusão social e à limitação de oportunidades, já que aqueles que falam de maneira diferente podem ser considerados menos competentes ou educados, independentemente de suas habilidades e conhecimentos reais.

Bagno (2007) diz que:

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo, não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua (Bagno, 2007, p. 10).

Além disso, o preconceito linguístico reforça desigualdades sociais e culturais, criando barreiras entre diferentes grupos e perpetuando estereótipos. Ele contribui para a ideia de que algumas formas de linguagem são superiores a outras, desconsiderando a riqueza e a legitimidade das várias formas de expressão. Combater o preconceito linguístico é essencial

para promover uma sociedade mais inclusiva e respeitosa, onde todas as formas de comunicação sejam reconhecidas e valorizadas. Bagno (2007, p. 115) ressalta que: “respeitar a variedade linguística de toda e qualquer pessoa equivale a respeitar a integridade dessa pessoa como ser humano”. O autor destaca a relação profunda entre língua e identidade, enfatizando que respeitar a variedade linguística de um indivíduo significa reconhecer sua dignidade e valor como ser humano. A linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um reflexo da história, da cultura e das experiências de vida de cada pessoa.

A BNCC reconhece e aborda a diversidade linguística do português, visando reduzir e enfrentar o preconceito linguístico. O documento enfatiza a necessidade de considerar as variações da língua de forma crítica e inclusiva, promovendo uma educação mais democrática e alinhada às realidades dos falantes. A BNCC (2017) ressalta que:

Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos. Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica. (BRASIL, 2018, p. 83).

A educação tem um papel fundamental nesse processo. Ao ensinar a importância da diversidade linguística e a combater o preconceito em sala de aula, é possível promover uma mudança de atitude que favoreça a aceitação das diferentes maneiras de falar e a valorização da pluralidade cultural.

Nesse sentido, para o Ensino Médio, a BNCC (2018) orienta que:

Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e combatendo situações de preconceito linguístico (BRASIL, 2018, p. 494).

A BNCC ressalta o respeito às diferentes formas de expressão da língua, reconhecendo que não há uma única maneira correta de falar, mas sim usos adequados para diferentes contextos.

Metodologia

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, do tipo documental (Sá-Silva, 2009), por ter como objetivo a análise do eixo leitura da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Ao seguir essa metodologia, a BNCC torna-se o principal objeto de investigação, possibilitando o uso de métodos e técnicas apropriados para a compreensão de suas diretrizes e implicações (Sá-Silva, 2009).

Para Severino (2007, p. 122-123), o tipo de pesquisa documental possui “[...] como fonte documentos no sentido mais amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais.”. Esse tipo de pesquisa é valioso porque permite acessar informações registradas em diversas formas, contribuindo para uma análise mais ampla e aprofundada sobre o tema.

O principal objetivo desta pesquisa é reunir e analisar o conhecimento existente sobre a variação linguística no contexto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com ênfase no Ensino Médio. A investigação iniciou com a busca, seleção e revisão de produções acadêmicas relevantes, incluindo livros, artigos científicos, teses, dissertações e publicações em periódicos especializados. Os materiais foram acessados por meio de plataformas amplamente reconhecidas no meio científico, como o Google Acadêmico, SciELO e o Portal da CAPES.

A partir disso, definiu-se como problema central da investigação a seguinte questão: *como a variação linguística é abordada na BNCC para o Ensino Médio, e quais estratégias pedagógicas podem ser desenvolvidas para garantir seu ensino eficaz?* Para responder a essa pergunta, recorreu-se à abordagem qualitativa, de natureza documental, conforme orientações metodológicas de Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), que destacam o uso de documentos oficiais como fonte primária de análise. Além disso, a análise de conteúdo proposta por Moraes (1999) foi adotada como método para examinar criticamente os documentos normativos, tais como a própria BNCC e o Documento de Referência Curricular do Estado de Mato Grosso, buscando compreender de que maneira esses textos orientam o trabalho com a variação linguística nas escolas.

A escolha por essa abordagem justifica-se pela relevância do tema no cenário educacional brasileiro, uma vez que a inclusão da variação linguística no currículo escolar representa uma forma concreta de promover o respeito à diversidade cultural e linguística, além de combater o preconceito linguístico. Ao mesmo tempo, reconhece-se que a norma-padrão possui uma função social importante em contextos formais, como o mundo acadêmico e o mercado de trabalho. Dessa forma, o ensino da língua portuguesa deve equilibrar o domínio da norma-padrão com a valorização das demais variantes linguísticas, proporcionando ao estudante a capacidade de transitar entre diferentes registros, conforme a situação comunicativa.

A pesquisa fundamenta-se em autores reconhecidos na área da Sociolinguística Educacional, como Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004) e Faraco (2008; 2015). Esses estudiosos defendem que o ensino da variação linguística é essencial para a formação crítica dos alunos, pois possibilita a compreensão das múltiplas formas de falar e escrever presentes na sociedade, sem que isso implique em desvalorização ou correção arbitrária das falas populares. Nesse sentido, a presença da norma culta no ensino não deve servir para excluir as demais variedades linguísticas, mas sim para ampliar a competência comunicativa dos estudantes e fortalecer a sua identidade cultural.

Além disso, a pesquisa é sustentada pelo entendimento de que a BNCC, como documento normativo mais atual da educação brasileira, tem um papel central na definição das diretrizes pedagógicas. A BNCC reconhece a importância de abordar as diversidades linguísticas em sala de aula, promovendo a formação de estudantes capazes de se comunicar de maneira adequada em diferentes contextos, respeitando as variáveis linguísticas presentes na sociedade. A inclusão dessa temática na formação dos professores de Língua Portuguesa, tanto na formação inicial quanto na continuada, é crucial para que eles estejam preparados para trabalhar com as diversas formas de linguagem presentes na sala de aula.

Portanto, a pesquisa busca também refletir sobre como os professores podem ser capacitados para lidar com as variações linguísticas de maneira eficaz, utilizando estratégias pedagógicas que promovam um ensino inclusivo e que respeite as diferenças linguísticas dos alunos. A análise documental da BNCC e de outros documentos normativos proporciona uma base sólida para propor recomendações sobre práticas pedagógicas que integrem a variação linguística no Ensino Médio de maneira crítica e reflexiva.

A discussão teórica, fundamentada nos estudos dos autores mencionados, reforça a importância de um ensino de Língua Portuguesa que vá além da simples aplicação da norma culta, e que, ao mesmo tempo, reconheça e valorize as diferentes formas de expressão linguística, visando formar cidadãos críticos, conscientes e capazes de transitar entre as diversas variantes da língua em diferentes situações comunicativas.

O papel da escola na valorização da diversidade linguística no ensino médio

A escola desempenha um papel essencial na formação de cidadãos críticos e conscientes sobre a diversidade linguística. Como aponta Faraco (2008, p. 43), "o ensino da Língua Portuguesa deve possibilitar ao aluno reconhecer e usar diferentes variedades da língua

conforme a situação comunicativa." Isso significa que a escola deve ensinar não apenas a norma culta, mas também ajudar os estudantes a compreenderem e respeitarem as diferentes formas de falar existentes na sociedade.

No contexto educacional, a compreensão das diferentes linguagens e práticas culturais desempenha um papel fundamental na formação integral dos estudantes. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca a importância de desenvolver essa competência para promover uma participação mais ativa na sociedade, ampliar a capacidade de interpretação crítica da realidade e favorecer a aprendizagem contínua. Nesse sentido, o seguinte trecho da BNCC evidencia a relevância desse processo:

Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo. (BRASIL, 2018, p. 491).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM, 1998) ressaltam a importância de trabalhar a variação linguística em sala de aula. A BNCC reforça essa necessidade e amplia a discussão, deixando claro que o respeito à diversidade linguística deve ser um eixo estruturante do ensino de Língua Portuguesa. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) destaca:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (BRASIL, 2018, p. 81).

Dessa forma, a escola deve atuar como um espaço de reflexão, onde os alunos possam discutir a variação linguística, compreender seu impacto social e aprender a utilizá-la de maneira consciente e adequada a diferentes contextos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, publicados pelo Ministério da Educação e do Desporto em 1998, afirmam que:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] A imagem de uma

língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua. (BRASIL, 1988, p. 29).

Esse trecho reforça a importância de reconhecer e valorizar a diversidade linguística como um elemento constitutivo das práticas sociais e culturais dos falantes. Ao se posicionar contra uma visão exclusivamente prescritiva da gramática tradicional que define padrões rígidos e exclui as formas linguísticas socialmente menos prestigiadas, propõe-se uma abordagem mais descritiva, dialógica e inclusiva no ensino da Língua Portuguesa.

A gramática tradicional, comumente ensinada nas escolas, ainda opera sob uma lógica normativa, segundo a qual apenas a norma-padrão é considerada correta. Essa perspectiva ignora o fato de que a língua é um fenômeno social, dinâmico e variável, influenciado por fatores históricos, regionais, culturais e situacionais. Como destaca Faraco (2008), é necessário que os estudantes aprendam a refletir sobre os diferentes usos da linguagem e compreendam que a norma-padrão é apenas uma entre as várias possibilidades linguísticas, adequada a contextos específicos, mas não superior às demais formas.

Nesse sentido, ao valorizar uma abordagem descritiva, o ensino de Língua Portuguesa passa a reconhecer as práticas linguísticas dos próprios alunos como legítimas, o que favorece o engajamento, a autoestima e o fortalecimento de sua identidade cultural. Isso também contribui para o desenvolvimento da consciência crítica, ao demonstrar que as normas linguísticas estão relacionadas às relações de poder e prestígio social, e não a critérios de superioridade linguística.

Promover uma abordagem inclusiva, portanto, implica incorporar ao processo de ensino-aprendizagem reflexões sobre a variação e a mudança linguística, legitimar os falares regionais e combater o preconceito linguístico. A escola, como espaço formativo e socializador, tem a responsabilidade de garantir que os alunos compreendam a língua como instrumento de participação social e não como barreira de exclusão.

Análise ou discussão dos dados

Desafios e Possibilidades para o Ensino da Variação Linguística

A análise dos dados desta pesquisa foi baseada em uma abordagem qualitativa e documental, com foco na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e em referenciais teóricos

sobre variação linguística. A investigação permitiu identificar que a BNCC reconhece a variação linguística como um fenômeno essencial para o ensino de Língua Portuguesa, destacando sua relevância para o desenvolvimento das competências comunicativas e críticas dos estudantes do Ensino Médio.

Compreender as línguas como fenômeno (geo) político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p. 490).

Dessa forma, a BNCC incentiva práticas pedagógicas que valorizem o uso da linguagem em diferentes contextos sociais. Com isso, os estudantes passam a compreender a importância da adequação linguística às diversas situações comunicativas do cotidiano. Além disso, o documento apresenta diretrizes claras que orientam o ensino da variação linguística, ao enfatizar que os alunos devem compreender a língua como um sistema dinâmico, heterogêneo e em constante transformação. Nesse sentido, reconhece-se que a linguagem é marcada por aspectos sociais, históricos e culturais, sendo influenciada pelos contextos nos quais é utilizada.

Portanto, a abordagem sugerida pela BNCC ultrapassa o ensino mecânico da norma-padrão e propõe uma formação linguística crítica, capaz de preparar os estudantes para interagir com diferentes grupos sociais e contextos discursivos, respeitando a diversidade linguística presente na sociedade brasileira. Nesse contexto, o documento normativo destaca a importância de considerar a variação e a mudança linguística como aspectos fundamentais da linguagem. Conforme a BNCC:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado. (BRASIL, 2018, p.81).

No Ensino Médio, o estudo da língua portuguesa vai além da mera memorização de regras gramaticais, buscando uma compreensão mais ampla e crítica da linguagem em suas múltiplas manifestações. A abordagem contemporânea propõe um equilíbrio entre o ensino da norma-padrão e o reconhecimento da diversidade linguística, valorizando os diferentes usos da língua em distintos contextos sociais e comunicativos. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza a importância dessa reflexão, conforme expresso no seguinte trecho:

No Ensino Médio, aprofunda-se também a análise e a reflexão sobre a língua, no que diz respeito à contraposição entre uma perspectiva prescritiva única, que segue os moldes da abordagem tradicional da gramática, e a perspectiva de descrição de vários usos da língua. Ainda que continue em jogo a aprendizagem da norma-padrão, em função de situações e gêneros que a requeiram, outras variedades devem ter espaço e devem ser legitimadas. (BRASIL, 2018, p. 504).

O trecho destaca a necessidade de uma abordagem mais ampla no ensino da língua portuguesa no Ensino Médio. Tradicionalmente, o ensino da gramática foi pautado por uma perspectiva prescritiva, que prioriza a norma-padrão como modelo único e ideal de uso da língua. No entanto, a BNCC propõe uma visão mais descritiva e inclusiva, que reconhece e legitima a diversidade linguística.

Dessa forma, a BNCC propõe um ensino de língua portuguesa que vai além da simples instrução sobre regras gramaticais, promovendo uma reflexão sobre os diversos usos da língua. Essa abordagem prepara os estudantes para interagir de maneira crítica e adequada em diferentes esferas sociais. Além disso, ao trabalhar a variação linguística a partir de uma perspectiva crítica, é possível contribuir para o combate ao preconceito linguístico e para o fortalecimento da identidade dos alunos, promovendo uma educação mais inclusiva e democrática.

Considerações Finais

A presente pesquisa analisou a abordagem da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e sua importância para o Ensino Médio. A investigação permitiu compreender que a BNCC reconhece a variação linguística como um fenômeno essencial na formação dos estudantes, promovendo o respeito à diversidade cultural e o combate ao preconceito linguístico.

Ao longo do estudo, constatou-se que a valorização da diversidade linguística contribui para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos, tornando-os mais preparados para transitar entre diferentes registros e contextos sociais. Além disso, o ensino da variação linguística se mostra essencial para a construção da identidade linguística e cultural dos estudantes, permitindo que reconheçam suas próprias formas de expressão como legítimas.

As escolas de Ensino Médio têm um papel importante na formação dos alunos, ajudando-os a entender o mundo ao seu redor e a enfrentar os desafios da sociedade atual. Segundo a Base Nacional Comum Curricular, é responsabilidade das escolas oferecer

experiências que garantam o aprendizado necessário para que os estudantes sejam capazes de analisar a realidade, lidar com questões sociais, econômicas e ambientais, e tomar decisões éticas e bem fundamentadas.

A Base Nacional Comum Curricular (2018) ressalta que:

[...] cabe às escolas de Ensino Médio proporcionar experiências e processos que lhes garantam as aprendizagens necessárias para a leitura da realidade, o enfrentamento dos novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais) e à tomadas de decisões éticas e fundamentadas (BRASIL, 2018, p. 463).

A relação entre os dados coletados e a teoria analisada reforça a necessidade de uma prática pedagógica que reconheça a língua como um fenômeno dinâmico e social. A perspectiva sociolinguística apresentada por autores como Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2004) corrobora a ideia de que todas as variedades linguísticas possuem valor e devem ser respeitadas no ambiente escolar.

Conclui-se, portanto, que a abordagem da variação linguística no Ensino Médio deve ser ampliada e fortalecida, garantindo que a escola seja um espaço de inclusão e respeito à diversidade. A BNCC apresenta diretrizes fundamentais para essa valorização, mas sua aplicação ainda depende de uma transformação efetiva na prática pedagógica. Recomenda-se, portanto, que políticas de reforma docente contínua e produção de materiais didáticos adequados sejam fortalecidas, garantindo a efetivação das diretrizes da BNCC no cotidiano escolar.

Dessa maneira, espera-se que esta pesquisa contribua para o fortalecimento de práticas pedagógicas mais inclusivas e para a construção de um ensino de língua portuguesa que respeite e valorize a diversidade linguística do Brasil.

Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1990.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2008.

COSTA, Vera Lúcia Anunciação. **A importância do conhecimento da variação linguística**. Educac, Curitiba, n.12 p. 51 - 60. 1996. Editora da UFPR.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. **Pedagogia da variação linguística**. Parábola: São Paulo, 2015.

KARIM, Jocineide Macedo. **A variação linguística no livro didático de língua portuguesa: um olhar perante a concepção sociolinguística**. *Revista de Estudos Acadêmicos de Letras (REACL)*, Cáceres-MT, v. 10, n. 2, p. 1–12, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reacl/article/view/5521>. Acesso em: 19 jun. 2025.

COX, Maria Inês Pagliarini. **Estudos linguísticos no/do Mato Grosso – O falar cuiabano em evidência**. *Polifonia*, [S.l.], v. 15, n. 17, mar. 2009. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1009>. Acesso em: 2 ago. 2025.

MATO GROSSO. **Documento de Referência Curricular para Mato Grosso Ensino Médio**. DRC/EM. SEDUC/MT, 2020. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1JiwRGmf6rChnA1pvyWLNm9O7MdOW50Mv/view> Acesso em 13 out. 2025.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. *Revista Educação*, Porto Alegre, v.22, n. 37, p.7-32, 1999.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano I, n. 1, julho de 2009.

SANTOS, Aymée Silveira; DE MELO, Raniere Marques. O ensino da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular. **Entrepalavras**, [S.l.], v. 9, n. 3, p. 115-132, dez. 2019. ISSN 2237-6321. Disponível em: www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1654. Acesso em: 23 mar. 2025. doi:<http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-31654>.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Mariza Pereira da. **Mato Grosso: um Estado, diversos falares**. Cáceres: UNEMAT, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reacl/article/view/5662>. Acesso em: 19 jun. 2025.